



DISCUTINDO A SEMIOLOGIA DA LINGUAGEM ESCRITA NAS AFASIAS A  
PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA  
(DISCUSSING THE SEMIOLOGY OF THE WRITTEN LANGUAGE ON  
APHASIAS BEGINNING FROM A DISCOURSIIVE PERSPECTIVE)

Ana Paula SANTANA (Universidade Estadual de Campinas)

*ABSTRACT: This paper discusses the variety of terminology found to characterize the alterations of written language of the aphasia. It is intended to situate the conception of language that underlies to this terminological “forest” as well as to situate the usefulness of the classification for the treatments of aphasics patients.*

*KEYWORDS: aphasia; written language; semiology.*

0. Considerações iniciais

A afasia, segundo Luria (1977), é um problema de ordem central, teria como conseqüências alterações diferentes em diferentes modalidades de linguagem, ainda que todas possam estar alteradas (mais a fala do que a audição ou mais a escrita do que a leitura, por exemplo). Para Coudry (1986/1988), a afasia caracteriza-se por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Esta definição refere-se à “alteração dos processos lingüísticos”. Ora, se a escrita também é um processo lingüístico, isso significa que o termo “afasia” deveria servir tanto para designar alterações da linguagem oral quanto alterações da linguagem escrita.

Isso remete à análise das inúmeras terminologias que há para caracterizar as alterações da linguagem escrita em sujeitos afásicos: agrafia, alexia literal, dislexia de superfície, dislexia profunda. Esse “confronto” terminológico traz de volta a discussão conceitual: que posições epistemológicas se têm assumido para analisar os distúrbios da escrita em afásicos? Em outras palavras, que concepção de linguagem é “capaz” de dar conta dessa rede de distúrbios?

O fato de um sintoma ou de um conjunto de sintomas permitir uma classificação (adequada ou não) não assegura a via explicativa do fenômeno descrito. Ou seja, observando o resultado dos sujeitos em tarefas específicas, relacionadas a si mesmas, muitas vezes não se têm condições de compreender os processos envolvidos na leitura e na escrita e não se têm alternativas para a superação de dificuldades enfrentadas por pessoas afásicas. Fica claro, então, que é crucial a tarefa de rever os princípios que têm orientado o estudo da linguagem escrita nas afasias.



## 1. A semiologia e as classificações

Em 1891, Déjèrine descreveu um caso de um sujeito que perdeu subitamente a capacidade de ler e escrever. O sujeito era incapaz de ler letras e palavras e era incapaz de escrever qualquer palavra que não fosse seu nome. Essas dificuldades apareciam mesmo quando tinha que copiar uma palavra escrita. A essa dificuldade Dejerine chamou de alexia. A partir dessa época, a semiologia das afasias passa a compreender uma “vasta” classificação dos distúrbios de leitura e de escrita nos afásicos. Há uma verdadeira floresta terminológica e uma grande confusão conceitual em torno dessas alterações. A variedade de terminologias utilizadas para a classificação deste distúrbio já é amplamente conhecida: agrafia, alexia, agrafia pura, alexia sem agrafia, dislexia de superfície, dislexia profunda *etc.*

Nos dias de hoje, o termo dislexia vem sendo largamente usado. O conceito, no entanto, nem sempre é capaz de se explicar ou dizer a que veio. Para a Psicologia e, por que não dizer, para as áreas não médicas, o termo ganha um sentido restrito às dificuldades educacionais. Já para a Neurologia, o termo ganha amplitude, correspondendo a distúrbios neurológicos, chegando a abranger praticamente toda a sintomatologia das afasias. Vemos aqui a existência de “duas dislexias” que possuem a mesma terminologia e cujas bases explicativas são distintas. A descrição da dislexia na literatura neuropsicológica difere completamente da dislexia dita escolar, ainda que ambas colaborem para uma visão altamente normativa da linguagem escrita - algo que permite a patologização de processos normais encontrados na aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita (*cf.* Coudry, 1987).

Se a alexia e a agrafia já eram “capazes” de identificar essas alterações, por que deveria ser acrescentado às afasias mais um item semiológico, a dislexia? Por que denominar os distúrbios de leitura e escrita apresentados por afásicos de dislexia adquirida (tal como o fazem Bub & Lecours, 1987; Parente, 1995; Vidigal & Parente, 1995)?

Acredito que o termo dislexia - que se relaciona a uma dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita - não deveria ser aplicado às afasias. O sujeito com dislexia nunca aprendeu a ler ou a escrever anteriormente e sempre apresentou em sua vida pregressa uma dificuldade em relação à linguagem escrita. Esse não é o caso de afásicos alfabetizados (Santana, 1999).

A questão que se coloca quanto a este ponto é: pode-se admitir que o sujeito afásico seja também disléxico? Ao admitir estar-se-ia, de um lado, correndo o risco de contribuir com essa “confusão” terminológica que a dislexia implica. De outro lado, estar-se-ia reduzindo as alterações de escrita e leitura de sujeitos afásicos à dislexia. De onde quer que se olhe essa questão é sempre muito complicada. De todo modo, parece haver sempre uma certa arbitrariedade no uso das terminologias.

Partindo dessa reflexão, qual seria a relevância teórica de uma mera substituição terminológica? O que parece ser mais condizente, do ponto de vista semiológico, com os distúrbios apresentados? Se o problema todo fosse terminológico, dever-se-ia utilizar os termos “alexia fonológica”, “alexia de superfície”, “alexia profunda” e tantos outros restritos ao que a literatura entende por dislexia?

Silveira e Parente (1995) afirmam que a dislexia de leitura letra-por-letra foi descrita anteriormente sob outra terminologia por Déjèrine (1891): cegueira verbal pura,



alexia pura, alexia agnósica, dislexia de soletração e dislexia da forma da palavra. Apesar de ressaltarem a variedade de terminologias para uma mesma “patologia”, os autores não explicam os motivos dessa variedade, tampouco a adoção de um termo em detrimento dos outros.

As classificações ou tipologias das afasias, é bom ressaltar, diferem muito pouco entre si. Essas classificações fazem parte de uma lista taxionômica que compreende alexias (literal, verbal, frontal, espacial, agnóstica, pura, afásica, para sentenças, global), agrafias (pura, parietal, ideacional), dislexias (fonológica, assemântica, de superfície, por negligência), dentre outras.

Ao que parece, a semiologia da linguagem escrita nas afasias tem preocupado-se exclusivamente em descrever e em nomear os sintomas e, assim, classificá-los de acordo com alguma teoria vigente. No entanto, ressalto que a semiologia não deve reduzir-se aos sintomas, mas também deve levar em conta como eles são produzidos. Analisar esses sintomas a partir de uma perspectiva discursiva faz com que se leve em conta o sujeito e a situação de produção de linguagem (escrita), ou seja, o processo, e não só o produto.

Logo, acredito que o que subjaz a essa floresta terminológica é a concepção de linguagem escrita que os autores possuem (explicitamente ou não). O “caos” reinante tem a ver, ainda, com a própria concepção de linguagem e de funcionamento córtico-cognitivo implicada. A pergunta que surge agora é: em que essas classificações “ajudam” a compreender a linguagem escrita ou o processo de (re)construção lingüístico-cognitiva do sujeito afásico? Quais as conseqüências das classificações ancoradas em atividades estritamente metalingüísticas? Ora, as classificações são consideradas importantes para a Afasiologia tradicional porque são elas que colaboram para a definição do diagnóstico, ou seja, “constróem” a lista de sintomas que definem o distúrbio apresentado pelo sujeito.

O fato é que um sintoma, ou um conjunto de sintomas, pode até permitir eventualmente uma classificação do tipo de distúrbio apresentado pelo sujeito mas não revela os processos envolvidos na construção da escrita. Nem leva em conta a relação do sujeito com a linguagem, assim como não fornece pistas para a reelaboração de dificuldades. Cada sujeito possui suas singularidades e os ajustes entre os interlocutores (no caso, o examinador e o afásico) nem sempre se fazem da mesma maneira. Os testes acabam por igualar os sujeitos do ponto de vista lingüístico-discursivo, inclusive sem considerar aspectos sociolingüísticos (como a variedade utilizada pelo sujeito ou seus parâmetros culturais), não fornecendo, assim, um diagnóstico confiável, principalmente quando a avaliação está sendo realizada apenas levando em consideração os “sintomas” apresentados na hora do teste.

## 2. Considerações finais



A contribuição deste trabalho foi mostrar que a ótica pela qual se tem examinado a semiologia da linguagem escrita nas afasias pode ser mudada: em lugar de observar os atos de leitura e de escrita enquanto produtos homogêneos e definidores de uma sintomatologia e de uma classificação, pode-se alternativamente tomar a atividade escrita enquanto processo que evidencia a natureza das práticas sociais e como lugar onde o funcionamento intelectual (também) pode ser investigado. Para esta substituição do processo pelo produto, enquanto objeto de análise, a metodologia e os postulados teóricos de uma Neurolinguística de cunho discursivo demonstram uma diferença extremamente significativa.

Essa abordagem impede que a escrita e a leitura sejam vistas como produtos finais e que, assim, sejam consideradas como parte de um percurso que o sujeito faz e que se apresenta como lugar privilegiado para compreender a natureza do processo a que o sujeito é submetido pela própria língua, sua individualização, a heterogeneidade da linguagem. Trata-se, pois, de considerar que o sujeito afásico está envolvido em atividades significativas de linguagem, em meio a contingências discursivas, atuando como sujeito para produzir e interpretar sentidos: contar, comentar, perguntar, sugerir, pedir, estreitar relações *etc.*

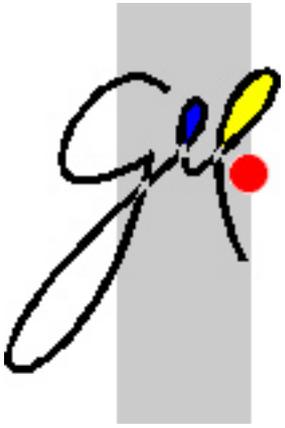
Fica patente que a questão das práticas sociais tem sido deixada de lado na avaliação e classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias. O que ocorre, no entanto, é que uma escrita que se revela desconexa, abreviada e incompleta, não pode ser classificada apenas segundo as regras de uma metalinguagem confundida com regras lógico-formais (ortográficas e gramaticais). Há muitos outros fatores envolvidos que fazem com que o sujeito afásico escreva desta ou daquela maneira, abrevie esta ou aquela palavra, leia de uma forma ou de outra (*cf.* Santana, 1999). No entanto, nada disso é considerado nas classificações. Nelas, o que conta é pontuar, mensurar o grau de perda, diagnosticar o problema de escrita e de leitura. Faz-se isso sem levar em conta o sujeito na hora do teste, a sua história de leitor (ou não-leitor).

Ledo engano supor que classificar implica solucionar. As classificações dão parcos indícios de como “resolver” o problema. Os indícios são dados pelos sujeitos afásicos: por sua linguagem escrita, pelo impacto da afasia, e pelas (novas) relações que eles passam a ter com sua linguagem (oral e escrita). As classificações não levam em consideração um sujeito que era leitor, e que, apesar das dificuldades, continua sendo. Como um deles mesmo diz: “*Você lê, menina, mas você não tem o sentido que a frase tem*” (MS: 11/11/98).

**RESUMO:** Neste trabalho discuto, a partir de uma perspectiva discursiva, a variedade de terminologias encontradas para caracterizar as alterações de linguagem escrita nas afasias. Procuro situar a concepção de linguagem que subjaz a essa “floresta” terminológica e a utilidade das classificações para a terapia de sujeitos afásicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** afasia; linguagem escrita; semiologia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- BUB, D. & LECOURS, R. Les troubles acquis de la lecture et de l'écriture des mots (l'approche cognitiviste) in *Neuropsychologie Clinique et Neurologie du Comportement*. Canadá: Les Presses de L'Université de Montreal, 1987.
- COUDRY, M. I. *Diário de narciso*. São Paulo: Martins Fontes, 1986/1988.
- \_\_\_\_\_. Dislexia: Um bem necessário in *Anais do GEL* (Unicamp), Campinas, 150 – 157, 1987.
- DÉJÈRINE, J. Contribution to the anatomical-pathological and clinical study of the different varieties of word blindness in Eling, P. (ed.). *Reader in the history of aphasia*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1891.
- LURIA, A. R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Swetes & Zeitlinger B.V., 1977.
- PARENTE, M. A. P. O enfoque cognitivo na avaliação das dislexias adquiridas e o sistema ortográfico do português in *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4: 169-173, 1995.
- SANTANA, A. P. O. O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolingüística. *Dissertação de Mestrado*. IEL/ Unicamp, 1999.
- SILVEIRA A. & PARENTE M. A. P. (1995). Leitura letra-por-letra: uma dislexia periférica? in *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4:185-189.
- VIDIGAL, B. M. & PARENTE, M. A. P. As dislexias adquiridas com utilização da via lexical: manifestações das dislexias profunda e fonológica no português in *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4:180-184, 1995.